

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA**  
**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ-CEST**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**FLORESTA NEGRA: A PRESENÇA AFRICANA NA AMAZÔNIA.**

**ELOYANA DA SILVA DO VALE**

**TEFÉ/AM**

**2021**

ELOYANA DA SILVA DO VALE

**FLORESTA NEGRA: A PRESENÇA AFRICANA NA AMAZÔNIA.**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Amazonas (CEST/UEA) como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História, sob a orientação do Prof. Mcs. Tenner Inauhinyde Abreu.

TEFÉ/AM

2021

### **Ficha Catalográfica**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo (a) autor (a).

**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

Vale, Eloyana da Silva

Floresta Negra: a presença africana na Amazonia: ou como a sociedade atual percebe essa presença na região/Eloyana da Silva do Vale  
Tefé: [s.n], 2021.

Graduação em História-Licenciatura-  
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2021.  
Orientador: Tenner Inauhiny de Abreu

1. A escrita da presença africana na Amazonia. 2. A presença africana na Amazonia século XVIII e XIX.

Tefé. I. Tenner Inauhiny de Abreu (orientador) I  
(Universidade do Estado do Amazonas)

Floresta Negra: a presença africana na Amazonia.

## **FLORESTA NEGRA: A PRESENÇA AFRICANA NA AMAZONIA**

Esta Monografia foi julgada para o btenção do título de Licenciado em História e aprovada em sua forma final pelo curso de História.

### **Banca Examinadora:**

**Prof. Orientador Msc. Tenner Inauhiny de Abreu**

**UEA**

**Prof. Membro Msc. Jubrael Mesquita da Silva**

**UEA**

**Prof. Membro Msc. Sidney Barata Mesquita**

**SEDUC-AM**

Tefé, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

## DEDICATÓRIA

A quem sempre foi meu motivo maior,

Dedico esse trabalho ao meu irmão e  
minha razão de viver Gustavo da Silva  
Santana.

A quem me inspirou a ser uma mulher melhor,

Dedico esse trabalho a minha eterna e  
amada mãe, Eleniza Zacarias da Silva  
que será sempre lembrada em minha  
memória e em meu coração. A ela minha  
eterna gratidão e dedicação a esse  
trabalho.

## **Agradecimentos**

Durante esses quatro (04) anos dentro dessa grande casa que é a Universidade do Estado do Amazonas não poderia passar sem meus agradecimentos. Agradeço primeiramente a quem eu acredito ser minha força maior que é meu Deus o qual acredito firmemente em sua existência, a meus amigos que na hora em que eu mais precisei, esteve ao meu lado, aos que acreditaram em meu potencial e em algum momento dessa caminhada me ajudaram, a prefeitura municipal de Pauini município onde fui nascida e vivi a maior parte da minha infância e adolescência por fornecer a mim através do programa “bolsa Estudantil” uma bolsa acadêmica que possibilitou minhas viagens e meu mantimento na cidade de Tefé.

Mas em especial, agradeço minha queridíssima mãe Eleniza Zacarias que fez parte da minha caminhada e foi à pessoa que mais confiou em mim durante essa árdua caminhada. Ao meu grandíssimo amigo que a faculdade me presenteou Vitor Mateus o qual sem ele eu não sei como teria chegado até aqui, a uma grande amiga que está eternizada em meu coração Edna Lima, amada amiga que esteve e acreditou em mim quando me parecia eu estar sozinha.

E a todos que de alguma forma estiveram ao meu lado e me apoiaram, pois meus guias espirituais sempre estiveram comigo e levantaram muitas pessoas durante esse período.

*A todos vocês, gratidão.*

“Quem quer que releia a história  
Verá como se formou  
A nação, que só tem glória  
No africano que importou”.

(Quirino, 1918)

## Resumo

O presente trabalho busca compreender como se deu a entrada e presença de negros na Amazônia principalmente no século XVIII e XIX. Ao longo desse trabalho foi desenvolvida pesquisas de campo e revisões bibliográficas para questionar e compreender como a presença da negritude foi e é vista até os dias atuais. Durante esse período, também buscamos analisar em que sentido a presença africana influenciou o povo brasileiro e em especial a sociedade amazonense procurando entender as diversas formas que podemos observar essa presença na região. É importante salientarmos aqui para que não haja equívoco, que o trabalho não busca exatamente questionar se houve ou não uma presença africana na região do atual Amazonas, mas sim, busca compreender as influências e formas que essa presença se fez e faz presente na nossa sociedade, procurando desenvolver uma narrativa que justifique a relevância desses agentes para a formação do Estado.

**Palavras-chave:** presença africana, negritude, sociedade amazonense.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: gráfico que a presença a entrada de negro na amazonia.....	27
Gráfico 2: gráfico que apesenta a estimativa do tráfico negreiro por área.....	28

## Sumário

Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas. ....	13
Banca Examinadora:.....	14
UEA.....	14
UEA.....	14
LISTA DE GRÁFICOS.....	19
Gráfico 1: gráfico que a presença a entrada de negro na amazonia.....	19
.....	19
<i>Introdução.....</i>	11
<b>CAPÍTULO 01</b> .....	13
<i>A escrita da presença africana na Amazônia.</i> .....	13
<i>1.2 Amazônia: entre as vastidões verdes da floresta a história que não foi contada.</i> .....	19
<i>1.3 Amazônia: uma história construída entre matrizes distintas.</i> .....	21
<i>1.4 Enegrecendo o Verde Amazônico: quilombolas na região norte.</i> .....	22
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	23
<i>A Presença Africana na Amazônia: século XVIII e XIX.</i> .....	23
<i>2.2 Negritudes na floresta: a entrada de negros na Amazônia pelo tráfico interno do século XIX.</i> .....	24
<i>2.3 A influência africana no âmbito social.</i> .....	29
<i>2.4 A influência africana na cultura local.</i> .....	30
<i>2.5 Ser negro na Amazônia: as desigualdades sociais no século XIX.</i> .....	33
<i>2.6 A Amazônia na Historiografia Brasileira.</i> .....	35
<i>2.7 Como tratamos a presença africana na própria região do Amazonas.</i> .....	37
<i>2.8 A presença africana nas escolas: os negros na disciplina de história da África nas escolas públicas: os avanços e desafios dessa nova historiografia.</i> .....	40

2.9A experiência do contato de uma nova versão da História. ....	42
Considerações finais .....	43

## **Introdução**

O presente trabalho traz como principal objetivo compreender a presença africana na Amazônia, buscando observar como essa presença foi e até os dias atuais é significativa para a formação do povo amazonense. Buscando romper com barreiras que criam paradigmas e controvérsias sobre a presença desses indivíduos na região situada o atual Estado do Amazonas.

Para compreendermos melhor sobre essa presença, ao longo do trabalho passearemos por alguns autores que se fazem importantes para o esclarecimento dessa presença aqui. Com isso, analisaremos em perspectiva histórica, como que esses indivíduos adentraram a região.

Feito com forte comprometimento com a coroa portuguesa e, considerando que o Grão-Pará e o Maranhão não eram uma de suas rotas mais rentáveis, havia certa irregularidade nos desembarques até a segunda metade do século XVIII, quando foi criada a Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão. (SALLES, 1971)

Assim, no século XIX já era bastante evidente a presença africana na região da Amazônia, trabalhando com os índios nas lavouras de café, tabaco, cana-de-açúcar, na coleta de matérias primas nas florestas, nas canoas e em toda a região floresta adentro. Como disse o Historiador Flávio dos Santos Gomes na sua tese de doutorado, “A hidra e os pântanos: quilombos e mocambos no Brasil no século XVIII e XIX” “há muito tempo a floresta já estava enegrecida”. (GOMES, 1997.)

Assim também como pretendemos analisar como esses indivíduos entraram na região, que tipos de atividades eles realizavam, como foram inseridos na sociedade amazônica, como eram vistos e como a sociedade colonial. Romper com a história tradicional passada por séculos de que a

presenças dos mesmos não era tão significativa assim nesse período tornara um dos desafios proposto nesse trabalho para que busquemos compreender a relevância da presença africana na região do Amazonas no período colonial.

A primeira parte desse trabalho pretende identificar como foi construída a história da escrita dos indivíduos africanos na região e como essa escrita está inserida dentro de nossos campos de pesquisas e estudos sobre esse tema, posteriormente compreendermos como essas pessoas entraram na região amazônica.

No segundo capítulo abordaremos a presença desses indivíduos em si na região da Amazônia. Como eles eram vistos perante as demais camadas sociais, o que eles faziam, e o que exatamente eles são. Desencadeando desde modo, outro ponto específico desse trabalho que é entender a origem do negro na sociedade brasileira atual, como atuou naquele período e como esses indivíduos são relevantes para a formação da cultura nortista. Usando como base, os textos dos historiadores Vicente Salles, Luís Balkar de Sá Peixoto Patrícia Melo, Anaiza Virgolino e Arthur Cesar reis.

## ***CAPÍTULO 01***

### ***A escrita da presença africana na Amazônia.***

Quando falamos de presença negra na Amazônia ainda é comum o susto das pessoas sobre esse assunto, principalmente fora da região. Alguns historiadores da área como Luís Balkar de Sá Peixoto, Patrícia de Melo e Vicente Salles, apontam que o impacto da escravatura colonial nas Américas também soou na região norte do Brasil.

Mesmo com estudos recentes sobre essa presença na região amazônica, acredita-se que os estudos sobre os africanos ainda salientam muito a insignificância tanto qualitativa como também quantitativa na historiografia nacional e regional do nosso país como cita os próprios historiadores. Porém, estudos como de Vicente Salles, apontam essa presença do homem negro na

região e que esses indivíduos já se encontravam por essa região ainda no século XVIII. Ao longo desse capítulo, analisaremos como autores que escrevem sobre a historiografia da região norte, como Patrícia Melo, Vicente Salles, Luís Balkar entre outros, abordam essa presença africana na Amazônia.

Patrícia de Melo deleita-se procurando aprofundar-se ao conhecimento sobre a sociedade colonial brasileira no Grão-Pará, onde sua proposta de tese do doutorado vincula-se a compreender a produção e reiteração de diferenças e desigualdades a partir da segunda metade do século XVIII e sobre atuação dos sujeitos historicamente envolvidos nessa mesma reiteração.

A questão objetiva de sua tese estar centralmente formada nas políticas indigenistas constituídas pela coroa através do diretório Pombalino (1757) e a carta Régia de 1798. A autora busca compreender como as políticas indigenistas ativaram uma igualdade formal antes inexistente que viabilizou, entretanto, a mão de obra compulsória dos nativos.

No capítulo quatro “Os Escravos Africanos” da tese de Melo, retrata sobre a presença africana na Amazônia e ressalta o que é muito discutido em nosso contemporâneo, que se resulta no discurso de que a maioria dos escritos desses sujeitos históricos é pouco significativo na economia na segunda metade do século XVIII início do século XIX na Amazônia e que isso consequentemente nos leva a escassez de trabalhos que falam sobre essa presença na região.

Melo acentua que a autora Regina Almeida vincula essa escassez de negros na região devido à própria configuração do sistema econômico da região, onde a maioria da população era indígena e o resultante trabalho compulsório partia deles e a outra pequena parte da classe colônia predominava-se branca.

Melo, ainda que de modo não profundo, mapeia essa presença ao longo do capítulo quatro e discute pontos interessantes sobre essa presença na região amazônica. A autora acredita que somente na segunda metade do século XVIII é que teremos uma presença significativa de negros na região e que isso só é possível através das medidas políticas de Marquês de Pombal nas reformas

Pombalinas e através também da mediação da companhia geral do Comércio entre Grão-Pará e Maranhão.

Segundo Melo “O número reduzido de escravos africanos e seu impacto modesto nos quadros da produção econômica regional, configuram uma das ressalvas que cercam a presença negra na região amazônica que assim será tratada pela historiografia local, inclusive, durante o século XIX. Apesar de a região estar inserida em um império escravista, o tratamento dado aos negros continuou a ser acessório, limitando-se a registrar essa presença reduzida e a importância limitada, especialmente no rio Negro”. (MELO, pg. 81 2012)

Nesse mesmo diálogo temos o historiador Luís Balkar que Melo também cita na sua tese como um dos historiadores locais da região Amazônica, onde o historiador teoriza que as limitações sobre essa abordagem dos negros na Amazônia na historiografia brasileira ainda é muito efetiva por conta do “ocultamento da presença Negra na Amazônia” e que isso “mantém incólume uma das mais graves distorções na escrita da história da região”. (PINHEIRO, 1999. Pg. 119).

Na visão de Patrícia, os números de escravos trazidos a região da Amazônia só irão sofrer alterações significativas quando a Companhia de Comércio do Grão-Pará inicia suas atividades de tráfico no atlântico. E que sobre essa questão é indiscutível que ao longo do século XVIII a predominância da mão de obra na região é dos nativos indígenas.

Mas segundo Luís Balkar de Sá Peixoto Pinheiro que está de fato em questão é que “desde meados do século XVIII, a introdução dos negros no Grão-Pará tornou-se uma realidade importante para a sociedade e para a economia da província” (PINHEIRO, 1999)<sup>1</sup>

Nesse sentido, podemos observar como Melo enxergava a presença africana na segunda metade do século XVIII. Para ela, a presença nesse primeiro momento era um fato, e que a existência de negros nesse sentido é indiscutível, porém a autora da tese de doutorado “Espelhos Partidos” ainda salienta que a

---

<sup>1</sup> É importante salientarmos que no período do século XVIII a região ainda não se constituía uma província e sim uma capitania que depois uma parte administrativa do Grão-Pará e Maranhão. (1751) e, depois Estado do Grão-Pará e Maranhão. Nesse sentido, trata-se de um pequeno equívoco do Historiador Pinheiro.

predominância da mão de obra que movimentava a economia amazônica era dos autóctones. Ao contrário de Pinheiro que cita no seu artigo, “de mocambo a cabano” que essa presença da negritude já irá trazer uma diferença significativa ainda no primeiro momento de sua entrada na região norte.

Assim, para a historiadora Melo a presença de negros na Amazônia se ativa de forma relevante com o Grão-Pará e que isso leva-nos a questões mais amplas que em hipótese alguma pode ser limitada somente nos números de escravos trazidos para cá, e sim, que a entrada desses indivíduos está mais associada a montagem da sociedade colonial em si, isso porque para a autora a lógica escravista vai muito além do que o número de negros na região, mas também está vinculada a relações dos indivíduos desse período que se dava através da subordinação e poder, o que configura e da vida ao próprio sistema escravista colonial.

Podemos observar então que, para Melo a entrada de negros na região na Amazônia, está mais associada à montagem das classes sociais coloniais. Assim, a entrada de negros está vinculada principalmente porque esses indivíduos mantinham vivo como esse sistema funcionava nesse período nas Américas.

Já para Pinheiro é lógico o fato de que se formos comparar os números de negros com os números de indígenas e brancos na região, é indiscutível que em números, os negros estavam em menor quantidade, mas que isso, não pode ocultar a importância de discutirmos essa presença da negritude aqui. Para ele:

“É sabido que a presença e a participação dos africanos, escravos ou libertos, é comparativa e significativamente menor do que a do indígena e a do europeu. Mas, até recentemente, pensava-se que era praticamente nula. Algumas notícias de negros cabanos, rumores da existência de quilombolas no Rio Trombeta e, sabidamente, grupos expressivos de negros no Amapá, vindo alguns da Guiana. Pequenas ilhas negras na imensidão verde indígena.” (BALKAR, pg. 148. Apud. Costa, 1997: 338).

Assim, é notório de que quando falamos da presença africana na Amazônia, Melo e Pinheiro mesmo que ambos assumam o fato da presença negra na região, se desencontram no sentido de que para Melo, a entrada de negros vem mais para suprir a necessidade de manter vivo um sistema escravista colonial. Já pra Pinheiro, essa presença vai muito além de manter essa hierarquia social, a atuação dos negros na região do Amazonas tem um passado que reflete como que esses indivíduos influenciam e influenciaram a sociedade amazonense.

Vicente Salles que é um dos primeiros a falar sobre essa presença na história local é quem vai acentuar de forma mais aprofundar sobre a influência do negro na região norte como um todo e não somente na Amazônia. Salles é musicólogo, folclorista, antropólogo e historiador. Um dos seus livros mais conhecidos que falam sobre essa presença da negritude na região norte é “O negro na formação Paraense” (1931-2013) publicado somente anos depois em 2015.

No capítulo 1 “A escravidão africana e a Amazônia” Salles argumenta que, um dos principais aspectos que caracterizou a relação entre colonizador e negros escravos, foi o fato de que o regime escravista não distinguia os diferentes grupos étnicos africanos sobre o seu domínio. Ou seja, para o colonizador branco não era colocado em questão de onde e a qual grupo étnico o sujeito escravizado pertencia, e sim, se ele estava apto e em boas condições de ser escravizado.

Talvez esse seja um fato social que deveríamos vincular a um dos problemas sociais daquele período que era: o negro não ser visto como um sujeito ativo e com sentimentos humanos e sim como um objeto de trabalho sem vontade própria ou autonomia. Nesse capítulo do livro do historiador Vicente Salles, podemos observar como o autor vê a relação do negro com o colonizado europeu.

Para Salles, assim como para Melo e Pinheiro, é intolerável a narrativa de que não houve uma presença africana na região do Amazonas, ou de que se houve tal presença, ela não foi tão significativa assim. O antropólogo vai além da visão econômica e social que se modifica com a chegada desses negros aqui, mas aponta os mesmos como sujeitos colonizadores já que podemos observar na

cultura nortista, traços fortes da cultura africana vinculada nos amazonenses em especial.

Os negros além de terem sua presença indiscutível entre esses historiadores, são observados por Vicente Salles como fundamentais para a formação da cultura Nortista. O negro segundo o antropólogo Salles está no vocabulário e no folclore, na dança que se faz presente nas festas típicas da região Paraense. Como Marimbé, no município de Alenquer ou no Oriximiná na festa de Aurié no Baixo Amazonas.

A escrita do historiador Vicente Salles está mais relacionada a influência do negro em si na região norte onde o autor aponta inúmeras relações do negro na sociedade paraense e amazonense. Para Sales, ao contrário de Melo, a presença do negro na região norte perpassa as relações hierárquicas do sistema colonial o século XVIII e XIX. Essa presença foi fundamental para a formação social nortista.

Salles fala sobre uma das revoltas mais conhecidas na historiografia brasileira que é a Cabanagem onde o autor aponta a participação do negro nas revoltas sociais assim também como Pinheiro que corrobora para essa participação da negritude em movimentos sociais. Para esses dois historiadores não há uma história da cabanagem se uma história dos negros na região norte do Brasil.

Aqui podemos notar a importância que esses dois historiadores dão a esses indivíduos na revolta da cabanagem. Para eles, a revolta só teve total sucesso por conta da sua atuação direta no episódio da cabanagem. Essa revolta modificou por alguns anos a ordem econômica e social vigente na Amazônia, assim, podemos compreender que tanto a escrita do Salles como na escrita de Pinheiro nesse episódio em específico da cabanagem, Põe os africanos escravizados ou libertos no centro do protagonismo dessa revolta juntamente com os nativos indígenas.

Em uma visão de ótica geral podemos observar que o Historiador Luís Balkar de Sá Peixoto Pinheiro reafirma o que o historiador Vicente Salles havia escrito no livro “O negro na sociedade paraense” que o negro teve uma participação que além de significativa, foi direta na política e na sociedade nortista

com o artigo de sua autoria “De Mocambeiro a Cabano: Notas Sobre A Presença Negra na Amazônia”. (1999) Desse modo é inviável pensarmos a história dos homens na Amazônia sem pensarmos na participação ativa e significativa dos sujeitos africanos aqui. O negro como já exposto por Vicente Salles, é um grande agente de influência social e cultural para a formação do Estado do Amazonas como conhecemos hoje.

## ***1.2 Amazônia: entre as vastidões verdes da floresta a história que não foi contada.***

Durante muito tempo foi passado pela historiografia tanto nacional como local, de que a presença do negro africano por ser considerada pequena quando falamos de números, não se torna significativa para a formação da escrita da história da região.

Apesar de ainda não termos superado todo déficit de trabalhos que relatem sobre essa temática principalmente na região da Amazônia, depois de muitos discursos narrativos que ocultam a presença dos negros no Norte, é cada vez mais comum o aparecimento de trabalhos científicos dentro da esfera que trata sobre essa presença africana aqui.

Quando tratamos desse assunto é necessária à cautela de percebermos e apontarmos alguns dos fatores que nos levam ao equívoco de que quando falamos da presença africana na Amazônia, não se há registros numerosos, logo não se tornara relevante. O primeiro ponto a ser discutido é o fato de que há poucos historiadores locais que falam da Amazônia, assim, muito mais poucos são os escritores e pesquisadores de relatam sobre a negritude na região.

A história da região tem sido rodeada de “insignificância” como cita o próprio historiador brasileiro Luís Balkar de Sá Peixoto Pinheiro. Sabemos que a História da Amazônia não se configura com a chegada dos europeus aqui, mas que a chegada dos colonizadores deu impulso para que história da região se autoconfigurasse com muitas perdas e danos para historiografia local.

No meio disso tudo, temos a grande floresta do mundo, a nossa Amazônia que sofre com esse paradoxo histórico da presença dos negros na região e é a

grande vítima daquilo de que deveria ser posto como grande potencial local, a sua imensidão, riqueza, sua magia e exuberância.

Não se trata de uma queixa, mas de uma constatação simples: a Amazônia durante todo o período colonial foi uma fonte rentável em vários aspectos e, por isso, sempre foi vista como economicamente útil à metrópole colonizadora. Como pensar Amazônia sem lembrarmos o que os cronistas diziam ao seu respeito? A Amazônia era um local de “estoque de índios” que poderiam servir de escravos para o desenvolvimento da colônia brasileira também fonte de riquezas na época das Drogas do Sertão ou sendo uma das maiores exportadoras de borracha em meio a um cenário de revolução industrial, fazendo com que a região se tornasse uma das regiões mais rentáveis do mundo.

Ao longo de toda sua história, a Amazônia tem sido fonte de recursos naturais gerando fontes rentáveis tanto na época colonial para a metrópole como para o Estado do Amazonas como é conhecida à região atualmente. É certo que se formos falar dos tantos atributos positivos da região, passaríamos um longo tempo localizando os inúmeros eventos onde a Amazônia se tornou primordial para o desenvolvimento econômico do nosso país.

Mas todos esses eventos têm levado consigo um fardo de sempre está sempre vinculada à exploração, abuso e extração de riquezas em favor de outras regiões ou outros povos. E mesmo nos últimos trinta anos, onde podemos observar como sujeitos do nosso tempo um desenvolvimento na região, ainda sim é um desenvolvimento que visa investir na infraestrutura local para que possa obter benefícios e riquezas em prol da Federação.

Depois de passearmos pela história contada nos livros didáticos das nossas escolas sobre a história do nosso Estado é fundamental percebermos que, além da presença negra ter sido um fato histórico pra região, a região em si é protagonista de várias passagens históricas que montam a história do Brasil. Os olhares sobre a Amazônia estão se tornando gradativamente cada vez mais dissonantes, porém, ainda há muito que se pensar quando formos falar sobre a Historiografia da nossa região.

### **1.3 Amazônia: uma história construída entre matrizes distintas.**

É sabido que, a história do Amazonas é uma história de ritos e crenças, mitos e religiões. Isso porque a região já havia sendo povoada há muitos anos antes da chegada dos europeus aqui pelos nativos. O primeiro branco a pisar nas terras que viriam se chamar Amazonas, foi o europeu Vicente Pinzon<sup>2</sup> em 1500. O que irá ser marcado historicamente como “*encontro de culturas*”.

Mesmo nós compreendendo a história da região amazônica como uma história de cultura e rica em diversidade cultural, não podemos configurar toda a montagem da cultura regional, sendo ela somente branca ou indígena. O que muitos historiadores apontam é que essa região foi povoada por negros e que isso causará ao longo da historiografia local uma série de distorções e enigmas que envolvem a região até hoje.

A primeira coisa que temos que perceber é que, nossa cultura é miscigenada. Logo, não se deu somente de uma matriz colonizadora, tão pouco por duas matrizes colonizadoras. É só observarmos no nosso cotidiano, na vida simples do caboclo os traços deixados por nossos antecedentes de matriz africana. E por mais que ousamos dizer que a mãe do Brasil é índia e seu pai é europeu, não podemos desqualificar nosso primo negro que ao longo da história do Brasil vem montando juntamente com a matriz indígena e europeia a formação da cultura do povo brasileiro.

O negro também foi um dos colonizadores do povo brasileiro como ousa dizer o Historiador negro do século XIX Manuel Querino. Para ele, a formação do povo brasileiro como um todo e sua sociedade só foi possível por contribuição direta do negro africano. “foram as mãos negras que levantavam nosso país”<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Vicente Yáñez Pinzón é considerado o navegador e explorador primeiro a entrar nas terras que viriam a ser brasileiras. Trata-se da mais antiga viagem que iria dá ao território atual, muito antes até mesmo da chegada de Pedro alvares Cabral. Portanto, para alguns historiadores o primeiro a explorar do território brasileiro foi Pinzon.

<sup>3</sup> **Manuel Raimundo Querino** (Santo Amaro, 28 de julho de 1851— Salvador, 14 de fevereiro de 1923) foi um intelectual afro-descendente, aluno fundador do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia e da Escola de Belas Artes, pintor, escritor, abolicionista e pioneiro nos registros antropológicos e na valorização da cultura africana na Bahia.

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel\\_Querino](https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Querino).

Não podemos dispensar dos nossos trabalhos científicos o fato de que a mão de obra escrava foi fundamental para o desenvolvimento da economia do Brasil. Assim também como é possível notar essa presença da mão de obra escrava na Amazônia quando por meados da segunda metade do século XVIII a entrada de negro ficou mais notória na região.

Desse medo podemos observar que a presença desses agentes históricos contribuiu de forma direta para a formação do povo brasileiro e para a sociedade amazonense que mesmo tendo certas dificuldades de se identificar descendentes de negros escravizados, carrega consigo traços da cultura africana no vocabulário, nas danças, nas crenças, na culinária etc.

O fato de termos sido construídos por matrizes distintas nos faz perceber o quão rica nossa sociedade nortista é em diversidade cultural. O negro fez e faz parte da História do Brasil e do Amazonas e sobre essa ótica é indispensável produzirmos cada vez mais trabalhos de cunho seja científico ou popular que saliente essa presença e contribuição dos nossos primos negros na região.

#### ***1.4 Enegrecendo o Verde Amazônico: quilombolas na região norte.***

Ainda é comum o espanto das pessoas quando falamos da presença africana na Amazônia ao longo dos séculos XVIII e XIX. Porém, o espanto ainda é maior quando tratamos das comunidades quilombolas que estão localizados na região. Como já tratamos mais acima, a população de negros na Amazônia influenciou de forma direta na formação da sociedade amazonense. E essa presença ainda é vista ainda nos dias atuais em nossas paisagens tomadas pela urbanização acentuando a tão sonhada “civilização” através das comunidades quilombolas.

O termo quilombola de acordo com Glória Moura (1999) vem do termo *kilombo* que nada mais é uma formação social organizada por diferentes grupos étnicos de matriz africana. No livro “vocabulário crioulo” do historiador Vicente Salles (2003, pg. 222) relaciona o quilombo como “povoado de exescravos negros

foragidos; coletivo de mocambo, que é a habitação propriamente dita. Os termos se confundem, como se fossem sinônimos, na documentação histórica do Pará e quase sempre são usados indiferentemente”.

A origem epistemológica do conceito quilombola é discutida até os dias de hoje, pois para alguns pesquisadores da área como é o caso de Assunção José Pureza de Amaral<sup>4</sup>, o termo se modifica ao longo da formação da história do Brasil. Com tudo, além dos vários debates sobre o termo é indiscutível a presença desses indivíduos vivendo em sociedade aqui. Na nossa própria capital do Amazonas, Manaus temos notórias comunidades de quilombolas espalhados pela urbanização da grande cidade.

A presença de quilombolas em Manaus e em outros lugares da região norte só corrobora para a certeza de que houve sim uma presença africana na região do Amazonas e que essa presença pode ser notada até mesmo nos dias atuais nas nossas grandes cidades.

## **CAPÍTULO 2**

### ***A Presença Africana na Amazônia: século XVIII e XIX.***

A pergunta que ascende toda a monografia se perpetua até o segundo capítulo desse trabalho. Mas afinal, a presença africana na Amazônia é um fato ou não? Existem registros que garantem a presença desses indivíduos na região norte? Essas e outras perguntas relacionadas à negritude e sua presença na Amazônia irão se recorrer ao longo de toda a historiografia local e nacional.

Ao longo das revisões bibliográficas sobre esse tema confuso e oculto da nossa história, é possível citarmos alguns dos nomes mais conhecidos sobre essa pesquisa como é o caso Anaiza Virgolino, Vicente Salles, Arthur Cesar Reis,

---

<sup>4</sup> Possui graduação em bacharelado em Ciências Sociais pela universidade Federal do Pará (1992) graduação plena em licenciatura em Ciências Sociais pela universidade Federal do Pará (1995) mestrado em planejamento do desenvolvimento – núcleo de altos estudos amazônicos- NAEA/UFPA (2001).

\*informações coletadas do Lattes em 18/11/2021.

Napoleão Figueiredo e Patrícia de Melo que iremos usar para embasar esse segundo capítulo.

Sabemos que não é de hoje que a pergunta sobre a presença africana existiu ou não na Amazônia rodeia a nossa historiografia brasileira. Com tudo, já é possível afirmar que essa presença é um fato segundo registros que podemos encontrar nos arquivos de Belém (PA). Outros métodos que nos certificam sobre essa presença se encontram nos escritos dos primeiros historiadores a falar sobre essa presença aqui.

Anaiza Virgolino irá trabalhar com essa presença africana na Amazônia principalmente no Pará onde historicamente é o lugar onde se tem mais trabalhos e registros escritos sobre a presença do contingente africano na região norte. A autora começa sua escrita informando aos seus leitores que pela precariedade que se encontravam os registros sobre essa temática de estudos não é possível fazer um trabalho de cunho antropológico, mas que com os registros primários sobre a presença afro na Amazônia encontrados no arquivo público do Pará é possível afirmarmos que a presença desses sujeitos históricos é um fato pra a história da região norte.

Com a afirmação de que a presença negra é um fato para nossa sociedade amazonense, suje aqui outras perguntas que nos levam a indagação sobre esses indivíduos, como por exemplo, se a presença africana é um fato, como que essas pessoas entraram aqui? Como vivia como eram reconhecidos socialmente entre outros. Para isso, analisaremos como eles entraram na Amazônia, o que os historiadores falam sobre essa entrada, como se deu e o que causou todo esse marco histórico.

## **2.2 Negritudes na floresta: a entrada de negros na Amazônia pelo tráfico interno do século XIX.**

Sobre essa entrada de negros na Amazônia é possível observarmos que ela se mostra mais presente no fim do século XVII, mas é somente no século XVIII que era irá se tornar logicamente notória. Para o Historiador José Maia Bezerra

Neto “Os primeiros reforços de introdução de escravos de origem africana por parte da coroa portuguesa no Estado do Maranhão região correspondente de alguma medida a atual Amazônia, remontam as décadas finais do século XVII, mas foi apenas na segunda metade do século XVIII, no âmbito das políticas pombalinas e, sobretudo, da atuação monopolista da Companhia Geral do Comércio do Grão-Pará e Maranhão (1755-1778) que o escravismo ganhou força decisiva nessa parte do Império Português” (BEZERRA, NETO, 2012).

Quando falamos de entrada de negros escravizados na região do Amazonas podemos observar como já havia garantido Anaiza Virgolino<sup>5</sup> que não é possível obtermos uma data específica dessa entrada na região. Muitos historiadores se contradizem em relação a datas, pois, para alguns essa entrada se deu no fim do século XVII, mas para outros como é o caso de Patrícia Melo Sampaio que irá citar em sua tese de doutorado “espelhos Partidos” que essa presença só irá se tornar significativa no fim do século XVIII início do XIX.

Mas o que muitos concordam é o que Bezerra Neto<sup>6</sup> acentua que: “A proibição definitiva do tráfico negreiro transatlântico para o Brasil, em 1850, e no fim dos carregamentos diretos entre a costa africana e o Grão-Pará, em 1841, por exemplo, não representam a interrupção da entrada de origem africana em Belém” (BEZERRA, NETO 2012).

Muitas são as teorias sobre a entrada de negros africanos na região da Amazônia as distorções sobre as datas são diversas, todavia, é indiscutível que apesar de não termos uma data específica para titularmos a entrada desses indivíduos na região, a entrada existiu. Ela é um fato. Segundo Anaiza Virgolino e Silva (1971 pg. 27-28) “entre 1778 e 1791, 3.099 cativos, africanos ou não, vieram despachados ou reexportados de outros portos brasileiros. Foram trazidos 159 cativos de Pernambuco; 19 da Paraíba; 526 da Bahia; 384 somente do Maranhão

---

<sup>5</sup> Graduada em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA) mestre em antropologia social pela universidade de Campinas (UNICAMP) pesquisadora das religiões afro-brasileiras no Pará, professora adjunta 4 aposentada do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (UFCH/UFPA) e do programa de pós graduação Lato-sensu. (especialização) em Estudos Culturais da Amazônia. \*informações retiradas do Lattes em 19/11/2021.

<sup>6</sup> Possui graduação em História, Bacharelado em (1991) e licenciatura pela (1992), pela Universidade Federal do Pará. Especialização em Teoria antropológica pela Universidade federal do Pará (1993) mestrado e, História social do trabalho pela Universidade Católica de São Paulo (2009)\*informação retirada do Lattes em 19/11/2021.

e 1722 do Maranhão demais portos; além de 239, sem ser precisado quantos oriundos de Angola, na África Centro-Occidental, bem como de Pernambuco e Maranhão.”

Anaiza Virgolino não é a única a falar de números quando tratamos da entrada de cativos sendo eles escravizados ou não, na região do Amazonas. Patrícia Melo também irá apontar números de pessoas relacionadas à entrada de negros no Norte. Para ela, uma das primeiras referências quando falamos desse assunto é Manuel Nunes Pereira que para a autora, da conta da introdução em 1692 por “iniciativa holandesa na região Oiapoque” (MELO pg. 83).

A autora não para por aí na tese “Espelhos Partidos” a mesma faz uma tabela de introdução de negros escravizados ou não, na região amazonense classificando-os por ano e região. Analisaremos a tabela de Patrícia de Melo Sampaio para compreendermos melhor a visão da autora sobre a entrada desses indivíduos na região Norte do Brasil em forma de gráfico.

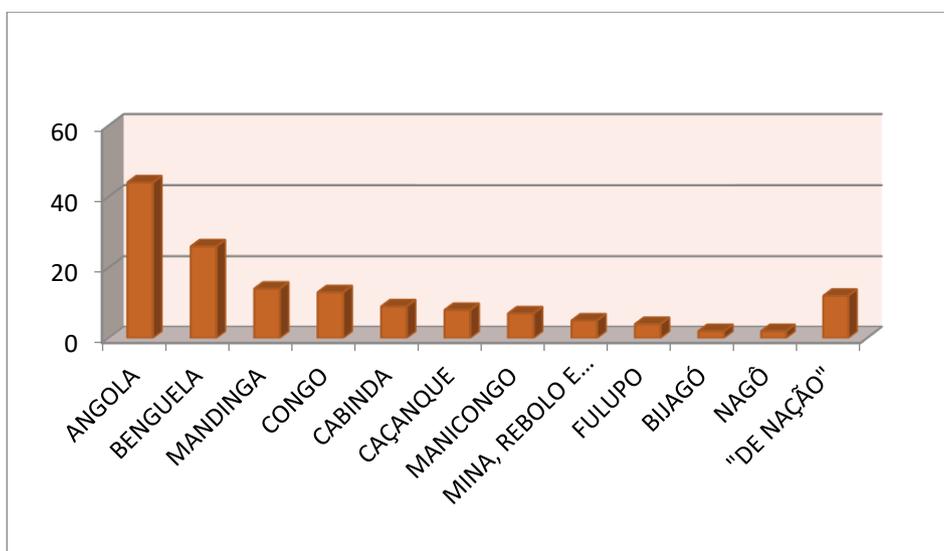


Gráfico1: introdução de negros escravizados ou não, na região amazonense classificando-os por ano e região Fonte: elaborada pela autora Patrícia Sampaio a partir dos inventários *post-mortem*.

No gráfico acima, é possível observarmos que segundo a análise da historiadora Melo dada com as fontes dos inventários de post-mortem, (Pará, 1809-1845) que a região onde se tem mais saída de escravos rumo a Amazônia,

parte da Angola, mas como salienta a própria autora, não podemos classificar as regiões como denominações étnicas, na verdade o gráfico representa somente a região onde se tinha mais ou menos africanos em embarques, do que sua origem natal.

Com tudo, mesmo que nós considerássemos todos os dados da fonte post-mortem, seria de forma ignorante entender que são desses lugares onde se tem mais comércio de encravos trazidos para a colônia brasileira, assim, segundo Melo Sampaio deveríamos levar em consideração, as grandes zonas de gráfico como já haviam proposto o historiador Manolo Florentino<sup>7</sup> em uma entrevista para a editora Unesp realizada em 2016, onde ele fomenta que se analisáramos as informações que por si já são fragmentadas, e que por isso, de difícil precisão.

Assim, iremos analisar outro gráfico organizado pela professora Patrícia com as regiões onde teremos os maiores embarques de negros africanos em propósito de comércio de escravo para que possamos compreender quais as regiões com maior frequência de comercio escravocrata.

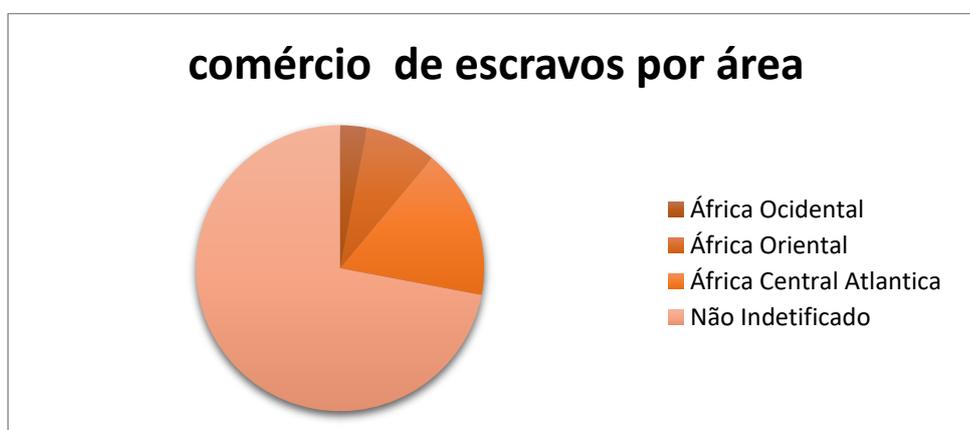


Gráfico2: Gráfico elaborado pela doutora Patrícia Melo para obtenção de uma análise sobre as áreas de comércio escravo. \*gráfico encontrado na tese “Espelhos Partidos: etnia, legislação e desigualdade na colônia” defendida pela autora em 2011.

Infelizmente não podemos mostrar a valor conclusivo sobre os embarques negreiros, pois são certos que as informações dos inventários permitem somente o esboço do modelo os plantéis africanos no Grão-Pará na primeira metade do

<sup>7</sup> Graduado em História pela Universidade Federal Fluminense (1981), mestre em estudos africanos em colégio de México (1985) e doutor pelo programa de pós-graduação de História pela Universidade Federal Fluminense (1991). Professor concursado em 1988 do instituto federal o Rio de Janeiro, vinculado a área de História da América.

\*informações retiradas do Lattes em 23/11/2021.

século XIX. Com o gráfico acima, é inegavelmente notório que a predominância de africanos deslocadas da África Central Atlântica nesse período, liga o Grão-Pará a mesma ostentação dos portos do Rio de Janeiro.

Conforme formos analisar cada texto de cada autor que fala sobre a entrada de negros na Amazônia, teremos além de números imprecisos, veremos que cada um dos pesquisadores sobre o tráfico negreiro na região norte tem datas e números distintos um dos outros, pois, como já havia citado a própria historiadora Patrícia de Melo Sampaio, estamos falando de uma parte da história fragmentada, logo, de difícil precisão.

Nesse caso temos que observar somente no sentido que mesmo que nós não estivéssemos no poder de encontrar uma data e número específico, temos a certeza de que o tráfico de negros foi de suma importância para a formação da região do Amazonas, da cultura amazonense e para a sociedade nortista como um todo.

O gráfico negreiro além de seus aspectos econômicos, eram, segundo Sampaio importante, pois os negros poderiam prestar serviços primordiais para o bom funcionamento da colônia. “alguns dos anúncios de Salles apontam um conjunto de atividades e especialização nesse sentido: apanhadores de açaí, pescadores, padeiros, trabalhadores do porto, serventes de obras públicas, calafates, carpinteiros, pedreiros, ferreiros, vendedores de açaí, tabaco, garapa, lavadeiras, vendeiras, cozinheiras que sabem coser, lavar, engomar, cozinhar e também ganhar na rua”. (MELO, pg. 99 2012)

Podemos observar que os gráficos desse tópico nos ilustram o que podemos notar os inventários localizados no Pará de que a presença africana na Amazônia não é somente o que a maioria dos leigos sobre o assunto espalha que é um “boato”, mas sim real, um fato histórico que faz parte a nossa sociedade amazonense e da nossa história local, completando o que muitos historiadores salientam de que a história do Brasil só pode está completo se notarmos de forma continua e ativa da negritude no país.

### **2.3 A influência africana no âmbito social.**

Falamos bastante sobre a influência do negro na formação do norte no âmbito da cultura e da economia, ou talvez esses dois sejam mais comuns de serem citados por historiadores e pesquisadores da área negra/escravista na Amazônia. Mas o que pouco sabemos ou pouco se citou é que o negro também fez sua participação ativa no âmbito da política e da sociedade nortista sendo ele um dos principais protagonistas da *cabanagem*<sup>8</sup>, revolta que eclodiu na região norte que modificou por alguns anos a ordem econômica e social na Amazônia.

Por meados do ano de 1840, os últimos grupos compostos por cabanos renderam-se as autoridades de acordo com o ofício da câmara municipal de Belém em resposta a João Antônio de Miranda, presidente da província que havia noticiado o rendimento aos vereadores em 7 de maio de 1840.<sup>9</sup>

Mas muito antes disso, é sabido que os negros foram protagonistas nesse episódio da história local. Como cita Luís Balkar de Sá Peixoto, “a atuação dos continentes negros e escravos e escravos exemplifica bem as especialidades das demandas incorporadas a luta pelos rebelados na cabanagem, já que nesse caso, as ações praticadas pela rebelião só eventualmente eram direcionadas para alvos que representavam as instâncias institucionais de poder. O que a ampla gama documental sugere é que, com muita frequência, os negros escravos atacaram indistintamente os grupos senhoriais paraenses e seus representantes, fossem eles, portugueses ou brasileiros.” (PINHEIRO, pg. 164. 1999)

A cabanagem é uma das revólvas mais conhecidas e importantes da história do norte do Brasil. Se nos aprofundarmos nesse período do século XIX da época regencial que vai de 1830-1840, iremos perceber que os negros livres ou não, juntamente com os indígenas e seus líderes serão os principais protagonistas dessa revolta.

O que podemos classificar que a cabanagem é um dos grandes exemplos que o negro esteve presente também nas decisões políticas e a frente de

---

<sup>8</sup> Cabanagem, famoso movimento ocorrido no século XIX na província do Grão-Pará, onde a elite paraense e a massa popular retiraram o poder do governo regencial. Nomeando assim, seus governantes. (1830-1840)

<sup>9</sup> Cf. ofício da câmara municipal do Pará. Ao presidente da província do Pará, publicado no jornal Treze de maio, 3 de junho de 1840, n. 7, p. 27.

movimentos sociais que modificaram de forma definitiva a formação do nosso Estado atual.

Luís Balkar de Sá Peixoto Pinheiro é uma das grandes referências quando falamos de *cabanagem*, no artigo “de mocambo a cabano: notas sobre a presença negra na Amazônia na primeira metade do século XIX” é um de suas obras mais citadas sobre a revolta que deu voz a centenas de negros e indígenas na região. E como o próprio autor aponta a presença africana foi uma das grandes protagonistas para que essa revolta tivesse tamanha precisão e sucesso.

Não há dúvidas quanto à presença negra na Amazônia, como também não podemos deixar de citar sua participação em movimentos que tiveram importante contribuição para o desenvolvimento sociopolítico na Amazônia principalmente no século XIX onde podemos perceber que essa presença da negritude se torna mais ativa e com sucesso na região.

É preciso que estejamos atentos para que a narrativa do negro na região norte, não fique somente na sua participação como escravo, ou em uma narrativa mais contemporânea, com sua contribuição na cultura local, mas que é preciso citar que a presença desses indivíduos vai além desses dois âmbitos da vida social.

#### **2.4A influência africana na cultura local.**

O historiador Vicente Salles além de ser um dos primeiros historiadores a escrever sobre a presença negra na região do Amazonas, também é um dos pioneiros a escrever sobre a cultura africana na região norte, o autor aponta que o fato de termos a predominância indígena em nossa história não apaga de forma alguma os traços que carregamos da cultura africana.

Mesmo que alguns dos nortistas não a note, a cultura negra se faz presente em vários aspectos da nossa vida social, ela está no vocabulário, nas danças, nas crenças, nas religiões, os mitos e na culinária. É só pararmos para observar que veremos os traços dos nossos antecedentes negros fortemente vinculados a nós. Essa presença foi e é significativa para compreendermos como se faz a formação da nossa cultura local.

Salles é dos primeiros historiadores a notar essa presença da cultura africana na região e no artigo “O Negro na Sociedade Paraense” (2015), o autor vai apontar vários exemplos vivos dessa presença na cultura amazonense, como é o caso da dança do boi que ganhou força com o festival folclórico de Parintins. O festival que ficou reconhecido mundialmente por ser um dos maiores eventos realizados na região norte que apresenta em priori, os aspectos da cultura amazonense e suas origens.

Vale salientar que não estamos falando que existe somente o festival folclórico de Parintins como evento que promove os aspectos culturais indígenas e negros na região norte, mas que esse é o maior evento realizado e reconhecido por todo o país.

No festival folclórico de Parintins, o evento do boi bumbá garantido e caprichoso é um evento esperado o ano inteiro principalmente pelos brincantes e pela população que admira e gosta de ver o festival acontecer. A ideia principal do evento é além de promover movimento econômico na cidade, pois traz vários visitantes ao local, também é mostrar de forma cultural a origem e a história do Estado do Amazonas.

Vicente Salles é um dos primeiros a apontar a dança do boi como um movimento de resistência da história indígena e africana na Amazônia. Isso porque um dos aspectos mais característicos do evento é além da dança de forma tribal muito comum pelas etnias indígenas da região, a música que é em todas ou quase todas às vezes utilizadas para enaltecer as matrizes fundadoras da cultura local.

Letras sempre compostas por poesia e harmonias que descrevem como foi à colonização da região e como reagiram os que já estavam aqui e os que entraram nesse mesmo período. Nesse sentido, podemos classificar a boi bumbá “certamente o folguedo nacional de maior significação estética e social” uma espécie de “farsa social escravista” (SALLES, 2015).

É só pararmos para observar como se faz a festa em si que notaremos de cara como os organizadores e os brincantes do evento enxergam o evento “colonização na Amazônia”. Apesar de que o evento é mais conhecido por cultivar

a nossa raiz indígena, o evento não deixa de citar os agentes históricos que também fazem parte da historiografia regional. Para Salles, o boi bumbá é um exemplo notório e grande de como o negro era visto na Amazônia. No festival que reuni milhares de pessoas, é apresentado como o negro era tratado no período colonial, ou pelo menos como eles entendem o tratamento do negro no período colonial. Sempre visto como algo indesejado, porém preciso, as danças e toadas, descrevem como eventualmente poderia ter sido as relações entre negro e colonizador.

Sem dúvidas um evento rico em diversidade cultural e análises de narrativas sobre a colonização. Um ponto interessante que foi analisado por também folclorista Vicente Salles que acredita que o evento é um exemplo significativo para viabilizar de forma cultural e em grande escala como os moradores da região norte entendem o que foi a colonização na região conhecida atualmente como Amazonas.

O que podemos extrair desse evento cultural é sem dúvidas o que o folclorista Vicente Salles já havia dito, com certeza é o maior evento social e cultural que esboça de forma grandiosa a história da formação da cultura amazonense como um todo. Desse modo, é indispensável pensarmos no festival como um dos principais representantes dos traços culturais da região norte. Evento esse, que não desamina em contar por diversas vezes como são vistos os agentes negros e indígenas na colonização Brasileira e que negros também foram primordiais para a formação da cultura local. Mas também exaltam os mocambos povo primordial para a formação do Estado como podemos analisar na toada a seguir:

Nosso chão, nossa terra  
abençoada por Deus  
Nosso solo sagrado  
que guarda os segredos  
O porto da memória  
dos nossos ancestrais  
Vai rufar os tambores,  
faz pulsar meu coração  
Tenho a identidade de um povo

herdeiro de uma tradição.  
 Nossa consagração,  
 nossa solenidade, é feita com amor  
 De um povo forte, humilde, valente e guerreiro  
 Em romaria, em procissão  
 festejo São Pedro, brinco de São João  
 Eu amarrei meu São Antônio e dessa vez vou casar  
 E a São Tomé prometi mais uma vez lhe festejar  
 Oh meu Divino vem iluminar o povo mocambense,  
 o frenesi desse lugar, é povão, é povão  
 Que brinca na festa dos pássaros  
 Jaçanã e Pavão  
 E faz a Festa do Beijú  
 Lá vejo a quadrilha de São João  
 Eu sou Espalha Emoção,  
 Eu sou Espalha Emoção,  
 Eu sou Espalha o Boi do Povão.<sup>10</sup>

No mais é possível observarmos que a presença do negro no festival de Parintins também é cultuada como parte integrante da formação da sociedade amazonense, e isso, são muito importantes para rompermos paradigmas de que a história da região se dá somente por parte da presença indígena e branca no Amazonas.

## ***2.5 Ser negro na Amazônia: as desigualdades sociais no século XIX.***

Podemos apontar a presença africana como contribuinte e significativa para a formação econômica e cultural para o Estado do Amazonas como vimos nos tópicos anteriores. Como disse Ygor Olinto e Melo no artigo “História de Joaquina: mulheres, escravidão e liberdade” são indiscutíveis que “A presença sistemática de africanos, surgiu efeitos concretos para a sociedade social da

---

<sup>10</sup>Toada de Moisés Amazonas, Renner Diones, Ronald Gama, Willian Lemos, Jeane Gomes, composta para o CD Identidade do Povo Mocambense do Boi Bumbá Espalha Emoção no ano de 2013.

Amazônia.” Com isso é notório que eles “fortaleceram as atividades econômicas da região, no incremento da produção agrícola e, econômica em força política”.<sup>11</sup>

Porém é preciso pensar como foi essa relação dos negros na região antes mesmo de todas essas preciosas contribuições que o mesmo ofereceu ao Estado do Amazonas. Assim poderemos viajar no século XIX para compreendermos melhor como se dava às relações de poder da época colonial e como era a relação do negro no período do século XIX com as demais camadas sociais.

Patrícia de Melo Sampaio já havia argumentado em sua tese que a entrada de negros na região do Amazonas não estava ligada somente à expansão da economia do Estado, mas sim por uma questão de subordinação que mantinha viva o sistema hierárquico escravista característica do século XIX.

Partindo desse pensamento podemos analisar como se dava as relações de poder no século XIX e como era a relação principalmente entre negros e brancos nesse período da história. Para a professora Patrícia, sabemos que o mantimento da escravidão da Amazônia tinha mais a ver com a configuração do regime escravista colonial do que com os interesses da própria economia local.

Partindo da linha de raciocínio da professora Patrícia, podemos analisar as desigualdades do século XIX na região do Amazonas, principalmente com os negros escravizados que ao longo dos séculos é citado como sujo e sem alma pela história eurocêntrica.

Assim, a presença do negro na sociedade colonial não configurava somente interesses econômicos muito embora esse fosse um aspecto importante para a colonização, a presença do negro africano também retratava como era a vida desses indivíduos nesse período. Uma relação dotada de preconceitos, desigualdades, desumanidade e incompreensão daqueles que se dizem seus colonizadores.

Podemos observar que essa relação de subordinação que a professora Patrícia Melo cita é uma relação real do século XIX. Sobre os registros dos

---

<sup>11</sup> Citação do artigo “História de Joaquina: mulheres, escravidão e liberdade (Brasil, Amazonas no século XIX)” página 03 onde Ygor Olinto Rocha Cavalcante e Patrícia Melo Sampaio autores do artigo, analisam a contribuição do negro na economia e na política da história da região do Amazonas.

historiadores é impossível afirmarmos que houve uma relação de hierarquização igualitária entre negros e brancos, na verdade, o que podemos observar é que aqui no Amazonas especificamente, também foi um cenário de desigualdade entre as classes que formavam o sistema colonial escravista.

Ser negro no Amazonas em uma sociedade colonial escravista remetiam ser visto como apenas um objeto de trabalho sem alma, sem pensamentos, e sem sentimentos, pois ao longo de todo esse período os negros sempre foram analisados por seus colonizadores como objetos e em hipóteses algumas como humanos.

Com isso é preciso considerar o que a professora Patrícia menciona como um dos motivos da entrada de negros na região do Amazonas. Era para se manter vivo o sistema escravista do século XIX, logo, as relações de desigualdades encontradas nesse período da história e em todo o período da história da escravização de negros africanos.

## ***2.6 A Amazônia na Historiografia Brasileira.***

Durante ao longo da História do Brasil, é comum encontrarmos trabalhos relacionando a história da formação da economia do Amazonas sempre de forma “periférica” como se ao longo de toda história, a Amazônia estivesse às margens da historiografia brasileira, isso porque podemos observar vários exemplos de modelo explicativo de como funcionava a economia colonial na América portuguesa com referências de intelectuais como: Caio Prado Junior, Celso Furtado, Ciro Flamarion Cardoso, Werneck Sodré entre outros historiadores dos anos de 1940.

Em linhas gerais, podemos dizer que essa noção de Amazônia se deu por motivos de que o embasamento desses autores sempre esteve voltado às experiências da colonização portuguesa no Atlântico Sul. Nesse sentido, é

interessante observar que Amazônia nunca esteve no quadro das chamadas “área dinâmica” assim sendo, o Estado excluído dessa parte da história.<sup>12</sup>

Em grosso modo, podemos dizer que a população que ocupava a região da Amazônia contribuiu de forma direta para que essa historiografia se formasse, pois por muito tempo foi passado na história que a economia colonial na Amazônia, de base escravista, tinha sido sustendo pela mão de obra indígena e que posteriormente essa força do trabalho foi reforçada pelos retirantes de região do nordeste. Identificando esses agentes como principais protagonistas da dinâmica da economia colonial na Amazônia.

Assim os negros nunca tiveram espaço na participação da economia da Amazônia por um longo período na historiografia brasileira. Porém, como já vimos nos tópicos anteriores às evidências dos negros com participação ativa na formação do Estado, se tornará cada vez mais frequente embora, como sempre salientamos ao longo dessa monografia, ainda sim um trabalho com grandes déficits que precisam ser superadas pela geração de historiadores do futuro.

Negros escravizados ou livres ao longo da historiografia local e regional ficaram no cômodo de figurantes na grande Amazônia. Mesmo que atualmente historiadores do cunho da história do Amazonas, escreveram sobre esses agentes históricos não serem apenas figurantes, mas protagonistas da economia do Amazonas na colônia imperial, principalmente, no século XIX, onde se teve uma força produtiva importante para a região.<sup>13</sup>

E mesmo que nós não estivermos adentro de toda a historiografia nacional, é possível focarmos sensíveis a análise de que se compreendermos a história do Brasil partindo da historiografia tradicional, a presença do negro na formação da Amazônia e da economia amazonense, quase não existe de tanto que, como dizia Luís Balkar de Sá Peixoto Pinheiro: “há um ocultamento dessa parte da historiografia nacional para a historiografia local”.

---

<sup>12</sup> CHAMBOULEYRON, Rafael Ivan. Cacao, Bark-Clove, and Agriculture in the Portuguese Amazon Region in the Seventeenth and Early Eighteenth Century. *Luso-Brazilian Review*, Mardson, 51, 2014 pg. 02

<sup>13</sup> SALLES, O negro no Pará. (1931-2013)

BEZERRA NETO, José Maia. Escravidão negra no Grão-Pará (séculos XVII\_XIX) Belém: Paka-Tatu, 2012.

Logo, a Amazônia apesar de ser uma área geograficamente grande, não foi edificada como área de importante participação de africanos libertos ou não. Assim como também não edificada como uma área de “dinâmica” na historiografia que analisa a sociedade colonial imperial escravista.

É preciso que a próxima geração de historiadores esteja atenta para que narrativas como essas possam ter uma nova interpretação e novos horizontes até que a Amazônia possa ser configurada como área tanto geograficamente como economicamente e politicamente primordial para a formação da historiografia brasileira como um todo, e não somente como uma pequena parte dela.

## ***2.7 Como tratamos a presença africana na própria região do Amazonas.***

Nesse tópico analisaremos como é retratada a presença do negro africano na própria região do Amazonas e como os indivíduos que formam a sociedade amazonense entendem a presença desses agentes históricos. Para podermos embasar nossos argumentos para esse capítulo foi realizado uma pesquisa de campo nas cidades de Tefé-AM e Pauini-AM que são municípios do Estado do Amazonas.

A lógica foi por como que os indivíduos desses dois municípios, um se localizando no sul do Amazonas, (Pauini) e o outro localizado próximo a capital do estado, (Tefé) analisam essa presença na região, sendo a maioria deles pessoas que compõem a maior camada social do estado, trabalhadores de diversas áreas como: donas de casa, carpinteiros, faxineiras, professores e alunos da rede de escola pública.

A primeira pesquisa de campo foi realizada com o apoio metodológico na história oral onde se fazia uma espécie de “entrevista” com apenas uma simples pergunta as pessoas que passavam na rua, rumo aos seus trabalhos, casas e deveres cotidianos. A pesquisa realizada em frente à praça municipal de Pauini, localizado no Bairro Pantanal, rua PN1 S/N.

Da maioria das pessoas que perguntamos “você sabia que a região norte também foi loca de escravização de negros” 4/10 das pessoas afirmaram que sim. O pouco índice de pessoa no município de Pauini nos levou até a escola municipal Frei Mario Sabia, a única do município a oferecer ensino médio completo. Ora, se o índice de pessoas que sabem sobre a presença desses indivíduos na região está baixo, é necessário entendermos o que está acontecendo nos grandes núcleos de ensino, a escola.

De 20 alunos que entramos em contato da Escola Estadual Frei Mario Sabino, somente 6 afirmaram ter dito uma boa aula de história da Amazônia. Nesse sentido, é possível percebermos que mesmo nos dias atuais estarmos mais atentos para a historiografia local, e cada vez mais aparecendo historiadores que salientam a presença africana na região do Amazonas, ainda é comum pessoas leigas quando tratamos desse assunto.

Porém é preciso salientar nesse trabalho, as circunstâncias e o contexto do município de Pauini uma vez que afirmamos que os habitantes da região não estão familiarizados com a história da presença da negritude na região. A primeira característica deve ser focada que Pauini está localizada ao sul o Amazonas próximo ao Estado do Acre com uma população segundo o último censo realizado na região, com aproximadamente 19 mil habitantes (2001)

O município além de estar localizado em um local distante da capital e ser relativamente pequeno, é considerável e compreensível os motivos pelo o qual a história local esteja tão distante das camadas mais numerosas de nossa sociedade. Outro ponto que deve ser discutido é que o município citado, não possui nenhum outro reprodutor de conteúdo e aprendizado que não seja a escola pública, sendo ela a única do município a oferecer o ensino médio, ou seja, as condições de ensino-aprendizagem no município de Pauini ainda encontram-se muito precária.

Do mesmo modo em que analisamos uma pequeníssima parte dos residentes do município de Pauini, analisamos os residentes do município de Tefé-AM. Para a contundência da realização da pesquisa de campo nesse município, de 30 pessoas 26 afirmaram saber sobre a escravização na região. O

mesmo esquema que fora feito em Pauini se deu no município de Tefé, onde localizado na sua Monteiro no centro da cidade, realizou-se a mesma pergunta aos residentes de Tefé.

E ao longo do trabalho de estágio III com o ensino médio feito pela instituição de ensino superior Universidade do Estado do Amazonas/UEA podemos observar que, os alunos do ensino médio de 20 alunos, 20 afirmaram saber e ter aulas de ensino da Amazônia na escola estadual Nazira Litaiff Moriz que, por sua vez, não é a única do município de Tefé a oferecer o ensino médio em escola pública.

A mesma análise contextual que fora feito no município de Pauini, se faz necessária para entendemos melhor como os números oscilam entre os dois municípios da mesma região. De modo que, se paramos para observar o contexto em si o município de Tefé de encontra em situações mais tocantes de acesso a informações como esta do que mesmo o município de Pauini.

Isso porque o município de Tefé se encontra em condições mais rentáveis para o acesso ao conhecimento da participação africana na região. Ao longo da pesquisa notou-se que os dois municípios contêm características distintas que os aproximam e afastam sobre a história da sua própria região. Embora ambos sejam municípios do Amazonas, Tefé encontra-se mais no núcleo do Amazonas e seja, em relação ao município de Pauini, muito maior.

No município de Tefé, com aproximadamente 70 mil habitantes segundo o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) a cidade carrega consigo várias escolas da rede pública que oferecem o ensino médio, uma instituição de pesquisa e desenvolvimento (Mamirauá), instituições de ensino superior privada e uma instituição de ensino superior público, além de promover vários eventos realizados pela prefeitura com parcerias com as demais redes de ensino como a Universidade do Estado do Amazonas e o Instituto Mamirauá que viabilizam para as mais diversas camadas da sociedade, a formação da cultura e da sociedade amazonense/tefeense.

Desse modo podemos compreender então que, entre os dois municípios há uma diferença significativa quanto ao acesso à informação do conhecimento

histórico da região da Amazônia. No meio disso tudo, temos a população regional que apesar de terem acesso à informação sobre a formação do Estado, ainda são pouco os eventos, principalmente no município de Pauini que buscam viabilizar a importância da presença africana para a formação e cultura do Estado do Amazonas.

### ***2.8A presença africana nas escolas: os negros na disciplina de história da África nas escolas públicas: os avanços e desafios dessa nova historiografia.***

A lei 10.639/03 valia a inclusão do ensino de História da África e cultura afro-brasileira como parte legal do plano de ensino nas escolas públicas e privadas. A ideia da lei é incluir os negros africanos trazidos para o Brasil como parte integrante e formadora da cultura e história da formação do nosso país.

Em pratica, professores e alunos discutem e dialogam sobre o papel do negro na colonização do Brasil, colocando em questão assuntos como: racismo, colonização, escravo e escravidão. O termo escravo é bastante abordado no ensino de África, pois por muito tempo foi usado para identificar a condição que o negro vivia na época colonial, período o qual a escravidão foi mais conhecida por suas condições de trabalho. Mas esse termo emprega um termo pejorativo aos negros, pois ninguém nasce escravo, somos submetidos a essa condição. Com base nesse tipo de afirmação muitos profissionais da área da educação vêm ensinando seus alunos a romper barreiras que limitam o negro africano a ser apenas um coadjuvante na visão da História do Brasil. E escolas tanto da rede privada como da rede pública trabalham para que as próximas gerações que iram compor nas camadas sociais tenham pleno conhecimento sobre isso.

É claro que toda e qualquer mudança no âmbito da educação principalmente se estamos falando de mudar concepções como é o caso, sofre grandes impactos nas comunidades, principalmente dentro das escolas. A lei que torna obrigatório o ensino de África nas escolas trouxe consigo desafios que até

hoje profissionais da educação e a educação de forma geral está tentando superar.

Ainda há muito desfalque de profissionais capacitados na área de ensino de África a falta de professores e pesquisadores dessa área dificulta o desenvolvimento do aprendizado dessa disciplina, deixando muitas das vezes de ser administrada por pessoas da área para ser desenvolvida por qualquer outro profissional da educação que esteja disposto a enfrentar esse desafio.

Além disso, alunos e professores têm que lidar diariamente com discursos racistas construídos socialmente de que o negro não é parte integrante da história da formação do Brasil e que por isso não há a necessidade de uma disciplina que seja somente para falar sobre isso.

Sabemos que, por muito tempo a história da formação do nosso país foi concentrada em somente contar uma versão europeia dos fatos ocorridos na colonização do Brasil, deixando a desejar uma versão mais completa dos fatos e colocando negros e indígenas a margem da História.

Acreditamos que a lei veio para tentar romper mais essa versão branca e elitista da História dando espaço para vozes negras contarem sua própria versão. E são muitos os desafios a serem superados, professores buscam formas de inclusão do ensino de África na música, nas artes, no cotidiano e na vida cotidiana de forma geral já que muito da nossa cultura foi herança deixada por nossos ancestrais negros.

De fato, o surgimento A lei 10.639/03 abre novos horizontes para que o ensino público e privado seja mais completo e incluso, podendo mostrar todos os lados de uma história da formação do nosso povo brasileiro e do nosso Brasil como conhecemos hoje. É certo que, ainda há muito a ser trabalhado por nós alunos e professores para que assunto como esse não venham ser vistos de formam majoritária, mas que a cada dia possamos entender de que História da África e cultura afro-brasileira é parte importante e essencial para entendermos como somos formados como povo brasileiro.

No mais acreditamos que a lei 10.639/03 é importante para que possamos reconhecer cada dia mais a importância desse povo para a nossa formação como

nação e que a história dos negros no Brasil não se limita apenas na história da escravização nas Américas na época da colonização, mas sim de um povo autêntico formador de sua própria cultura, costumes, religião e História.

### **2.9A experiência do contato de uma nova versão da História.**

O contato com uma cultura diferente não é algo de fácil diálogo, mas as trocas de experiências é um facilitador desse processo. No que se refere à lei 10.639/03 que torna o ensino de História da África e a Cultura Afro-brasileira obrigatório nas escolas facilita essa troca de experiências, é através da lei 10.639/03 que é possível conhecer sobre os povos e descendentes dos africanos.

De acordo com Guedes:

“Integrar culturas é seguir por um caminho “pedregoso”, porém não intransponível. O propósito neste caso é tornar visível socialmente a importância da cultura africana no decorrer da formação étnica brasileira. É fixar na sociedade a reflexão histórica a respeito da significância da influência africana na formação dos pilares étnico-sociais do país. Este exercício social passou a ser defendido tardiamente no Brasil, devido não somente a grande extensão territorial, mas principalmente pela indiferença intencional oferecida a esta questão”. (GUEDES, 2013, p.422)

Tratar-se de outra cultura é algo que precisa de uma atenção e pode ser difícil, mas não é impossível. Nesse caso a escola é fundamental para a compreensão e aplicação dessa lei, é por isso que se faz necessário a obrigatoriedade dela na instituição. O preconceito e o racismo não começam dentro da escola, mas perpassam por ela. A educação desempenha um papel fundamental para mudar esse quadro.

Uma vez que o que ensino de África se torna obrigatório nas escolas é preciso saber como tratar sobre o assunto de uma forma que não leve somente para a direção da escravidão, mas que oriente ao aluno sobre a influência do povo africano e a sua cultura no nosso país:

Sabemos, portanto, que não basta apenas dar as ferramentas para o trabalho, no caso uma educação de

qualidade e sem discriminações, mas é preciso ensinar a usá-las, e no caso dos professores o desafio e a responsabilidade se tornam ainda maiores, já que a educação é a base para a construção de uma sociedade mais justa e menos discriminatória, para que, enfim, as diferenças culturais sejam respeitadas. (GUEDES, 2013, p.424)

É preciso ter um olhar crítico sobre o assunto, para que sejam ensinados que as diferenças culturais sejam respeitadas, a fim de haja a real aplicação da lei nas escolas para futuramente refletir na sociedade. E para que isso ocorra é necessário que haja a formação continuada dos professores, pois muitos não tiveram a oportunidade na academia de aprender e pesquisar sobre a África e como trabalhar esse tema, isso por que ainda não havia ocorrido a efetivação da lei. Hoje já é possível visualizar nas academias a discussão sobre a História da África e sua cultura e através de projetos de escolas trabalhando esse tema.

Por fim não há como negar a importância da Lei 10639/03 e os reflexos que já é possível ver na sociedade, mas o trabalho é constante. Ainda é preciso discutir mais, pesquisar mais, trabalhar mais com os alunos para que eles possam multiplicar através de suas palavras e ações o ato de respeitar o outro independente da sua cor, dos seus costumes, religião e história.

Desse modo os trabalhos no âmbito de história da África e formação do povo brasileiro não para dentro das escolas, e isso, são muito importantes para que nós, alunos do presente, possamos mudar nossas concepções sobre a formação do nosso país e formalizar aquilo que um dia era um sonho de nossos ancestrais negros e indígenas, a história da formação do Brasil não é uma história sem os negros e os índios.

### ***Considerações finais***

Os estudos sobre a presença africana na Amazônia levaram-nos a inquietações muito além das propostas iniciantes, ao longo da pesquisa notou-se a precisa participação da rede de ensino para o desenvolvimento adequado da narrativa sobre a presença da negritude na região.

Nosso objetivo inicial era acentuar essa significativa presença na região e analisar como que esses indivíduos foram inseridos na sociedade colonial.

Todavia, a pesquisa nos levou a rumos que podemos concluir que a déficit de narrativas sobre a presença da negritude na região não está somente em trabalhos acadêmicos ou em pesquisas de cunho científico, pois ao longo da pesquisa observou-se que a maioria das grandes massas que compõe a sociedade nortista, não conhece a própria história, como foi o caso de Pauini-AM

Logo é necessário que nós alunos e pesquisadores possam está inserida em escritos científicos de modo para que narrativas como esta estava cada vez mais presente na comunidade acadêmica, porém também se faz necessário que nós tenhamos uma sensibilidade em indagar o motivo que nos faz perceber o porquê que as grandes massas não têm acesso a esse tipo de conteúdo e informação histórica. A lei 10.639/03 valia a inclusão do ensino de História da África e cultura afro-brasileira, mas é preciso que nós estejamos cada vez mais compromissados em levar esse tipo de conteúdo para dentro das escolas.

Fazendo com que a presença da negritude seja notada não somente no âmbito acadêmico, mas que possa chegar a nossa sociedade como um todo para que possamos alcança a plenitude em dizer que o povo amazonense conhece e entende sua história e os principais personagens que deram origem a formação da nossa cultura, economia, crenças mitos e sociedade local.

As lembranças de que foram mãos negras que levantaram esse país, deve estar presente também na região onde localizamos o atual Amazonas. Não podemos concluir esse trabalho em repetir uma das frases que mais nos tocou esse período de pesquisa. *“não existe uma história da Amazônia sem uma história da participação do negro na região”*.

## Referencias

GOMES, Flávio dos Santos. **Em torno dos bumerangues: outras histórias de mocambos** na Amazônia colonial. In: revista da USP, São Paulo, v. 28: p. 40-55, Dez/Fev 1995-96.

SAMPAIO, Patrícia Melo. **Escravidão e Liberdade na Amazônia: notas de pesquisa sobre o mundo do trabalho indígena e africano**. Disponível em [www.labhstc.ufsc.br/pdf2007/53.53.pdf](http://www.labhstc.ufsc.br/pdf2007/53.53.pdf) acesso: 07/2010.

SALLES, Vicente Salles: **o negro no Pará sob o regime da Escravidão**: Brasília. MIC/SECULT, 1988.

SALLES, Vicente Salles: **o Negro na sociedade paraense** Ed: Paka-Tatu; **Lançamento**: 2004.

MELO, Patricia de Melo: **Espelhos Partidos: etnia, legislação e desigualdade na colônia**. Tese de Doutorado em História defendida na UFF em 2001 e publicada, sem grandes alterações, em **2012**.

AMARAL, Assunção José Pureza Amaral: **remanescentes da comunidade dos quilombolas no interior da Amazonia. Conflitos formas de organização política de direitos a diferenças**. 2015.

VERGOLINO, Henry e Figueredo, A. Napoleão. **A presença africana na Amazonia colonial: uma noticia historica**. Belém. Arquivo puplico do pará. 1990.

REIS, Arthur César Ferreira. **Épocas e Visões Regionais do Brasil**. Edições Governo do Estado do Amazonas, Manaus, 1966.

**Aspectos da Formação Brasileira**. Editora José Olympio, Brasília, 1982.

Artigo.

**GUEDES**, Elocir Guedes. O uso da Lei 10639/03 em sala de aula. Revista Latino Americano de História. Agosto de 2013.

## **ANEXOS**

## ROTEIRO DE ENTREVISTAS

### DADOS DO ENTREVISTADO:

Nome:

Data de nascimento:

Endereço:

Profissão atual:

### PERGUNTAS:

1) VOCE SABIA DA PRESENÇA NEGRA NA FORMAÇÃO DA REGIÃO?